

**019-Educação do campo e os movimentos sociais:
experiências entre o institucional e o instituinte mediadas pela agroecologia,
docentes da UFRRJ e grupos de agroecologia e reforma agrária**

Rural education and social movements: experiences from the institutional and instituting mediated agroecology - professor of the UFRRJ, groups agroecology and agrarian reform

OLIVEIRA, Lia Maria Teixeira de. UFRRJ, liamar@ufrjr.br; LOPES, Clarindo Aldo. UFRRJ, Aldo@ufrjr.br; SILVA, Iranilde de Oliveira. CNPq/AARJ, ero_pa@yahoo.com.br; MATHEUS, Andréia C. MST, adreasmatheus@yahoo.com.br; LIMA, Fernanda Olivieri de. CNPq/GAE/AARJ, fe_olivieri@yahoo.com.br; TAVARES, Patrícia Dias. ATES-RJ, patriciafloresta@yahoo.com.br; FONTENELE, Luciana Nogueira. UFRRJ/GAE/AARJ, luciana_nf@msn.com; DANSI, Selma. UFRRJ/GAE/AARJ, selmadance@hotmail.com.

Resumo

Este trabalho contempla a temática sobre questões socioculturais e políticas educacionais contemporâneas, que vêm sendo focalizadas nos estudos e práticas sobre instituições, diversidade cultural e identidades no âmbito de programas em andamento na UFRRJ e os Movimentos sociais, baseados na agroecologia no estado do Rio de Janeiro. Trata-se de um ensaio onde os autores tecem relações entre os novos conceitos de educação do campo, pedagogia da alternância, agroecologia como conceitos estratégicos ora engendrados no seio de projetos em andamento não só na UFRRJ, mas também em outras instituições que se articulam pelas demandas dos movimentos sociais. A hipótese norteadora é que a agroecologia se constrói como prática social, consolidada na relação entre os instituintes e o institucional e a realidade, portanto, não sendo vista como conhecimento uniformizado para todas as comunidades. Apesar dos sujeitos institucionais buscarem consolidar uma ciência em bases de uma agricultura sustentável, há de se considerar que a agroecologia é resultado das identidades e da territorialidade dos sujeitos em seus processos de ocupação da terra e a cultura (cosmovisão).

Palavras-chave: formação, construção social, agricultura sustentável.

Abstract

This work describes the thematic socio-cultural issues in contemporary education policy, which have been targeted in studies on institutions and practices, cultural diversity and identity in the context of ongoing programs in UFRRJ and social movements, agroecology based in Rio de Janeiro. This is a test where the authors discuss relationships between new concepts of field education, pedagogy of alternation, agroecology as strategic concepts sometimes engendered within ongoing projects not only in UFRRJ, but also in other institutions that are articulated by demands of social movements. The guiding hypothesis is that agroecology is constructed as a social practice, the relationship between consolidated and instituting, and institutional and the reality, so knowledge is not seen as uniform for all communities. Since the institutional subjects though the search for institutional seek to consolidate a base of science in sustainable agriculture, we should also consider that agroecology is the result of identities and territoriality of the subjects in their processes of land occupation and culture (worldview).

Keywords: training, social construction, sustainable agriculture.

Introdução

Este texto objetiva tecer os elementos conceituais que ampliam as discussões sobre as experiências pedagógicas e políticas em agroecologia e educação do campo, geradas nas relações institucionais e nos movimentos sociais (instituinte), engendradas no Projeto de Intervivência Universitária e na participação do processo de construção da proposta da área de formação em Agroecologia e Segurança Alimentar da Licenciatura em Educação do Campo (PRONERA/UFRRJ). Notadamente, as experiências são vividas em projetos de pesquisa e extensão universitária, apoiadas por editais de agências governamentais de fomento, que nesta última década se multiplicaram como políticas públicas, articuladas às lutas dos movimentos sociais (SOUZA, 2009b) pela agroecologia e agricultura familiar.

As iniciativas governamentais, no discurso dos movimentos sociais, decorrem da pressão que eles fazem em prol da reforma agrária, geração de renda e produção. Um exemplo desse fato é a experiência do PRONERA, Programa Nacional de Educação em Áreas de Reforma Agrária, na formação profissional em níveis de alfabetização, ensino fundamental, médio-profissionalizante e superior na área das ciências agrárias. Em todo o Brasil multiplicam-se cursos que se institucionalizam como Educação do Campo, que é uma forma política de nominar a antiga Educação Rural, na medida em que os processos socioculturais dos sujeitos em ação coletiva ou prática social se unem visando intensificar o protagonismo deles na construção de conhecimentos em bases da diversidade cultural, ecológica e ambiental, onde estes estão inseridos no campo (SOUZA, 2009).

Metodologia

Como o objetivo desse trabalho se situa no âmbito da discussão sobre experiências, então, os nossos olhares e teses estão direcionados, portanto, para uma reflexão sobre o campo conceitual forjado num Grupo de sujeitos que vivenciam a educação do campo em bases agroecológicas. Estes são profissionais, pesquisadores, estudantes universitários e militantes de movimentos sociais que se articulam em experiências de um Projeto de Intervivência Universitária, viabilizado pelo CNPq (Edital 23/2008) e UFRRJ, para formação especializada de 75 jovens rurais/urbanos/quilombolas, em bases da agroecologia visando o protagonismo da agricultura familiar no Rio de Janeiro. Também se estreitam laços entre instituintes e institucionalizados na experiência mais recente com o PRONERA, programa que se volta para a criação de uma Licenciatura em Educação do Campo, cuja habilitação em Agroecologia e Segurança Alimentar nos mobiliza para pensar a formação do educador do campo, que transita pelos conhecimentos técnico-científicos, mas que será aquele agente político para contribuir na formação de jovens para conhecimentos técnicos junto à agricultura familiar em áreas de assentamento de reforma agrária.

Outrora, as experiências com o PRONERA entre 1997-2002, na UFRRJ com o MST e a FETAG visaram a alfabetização de Jovens e Adultos agricultores assentados no Estado do Rio de Janeiro. Dessa forma, levantamos a hipótese, segunda a qual, as práticas sociais que se consolidam nessa relação instituinte e institucional não se baseiam em produzir conhecimento agroecológico numa perspectiva de ser um único caminho, um conhecimento uniforme, posto que apesar da busca por uma matriz curricular para os cursos de capacitação em agroecologia, as diferenças são territorializadas.

Notadamente, nos baseamos em Altieri (2000,), que segundo ele, “Los estudios y el desarrollo agrario deberían operar sobre la base de propuestas de “abajo para arriba” (...) aprovechando los recursos disponibles de la población local, tales como sus conocimientos y sus recursos naturales autóctonos. Además, se deben tomar en cuenta seriamente las necesidades, aspiraciones y circunstancias de los pequeños propietarios, a través de propuestas participativas”.

Resultados e discussões

A formação nas experiências em bases da agroecologia traz diferenças nos conteúdos e nas práticas agrícolas, na medida em que os fundamentos e a metodologia de cada experiência vão ganhando realidade pelas contextualizações próprias locais regionais, elaboradas pelos sujeitos do lugar onde estes se situam na luta social pela terra, pela territorialidade e pela cidadania.

Observa-se que nos trabalhos universitários, os enfoques de conteúdos e práticas têm se limitado, na maioria das vezes, à reprodução e/ou apropriação de saberes cientificamente validados pela academia, deixando de lado os vínculos e as possibilidades de construção de saberes oriundos das práticas sociais dos atores do campo, da relação entre demandas populares e contextos socioculturais específicos, da relação comunitária, do conhecimento fruto da relação construída entre sujeitos e a natureza/ambiente (MOREIRA, 2003). Ou seja, os novos espaços de construção de conhecimentos socioambientais e agroecológicos se referem às experiências específicas entre o institucional e o instituinte, que estão mediadas pela agroecologia como estratégia de formação técnica e tecnológica pela Pedagogia da Alternância (ZAMBERLAN, 1995) como método de análise sobre a realidade e a formação.

A metodologia de trabalho pela alternância nos permite aproximar e interagir tempos e espaços de produção agrícola, cultural e social dos sujeitos do campo com a universidade, visto que nesses programas que unem agroecologia e educação do campo o conceito de formação de tempos/espaços está ressignificado em espaços-tempos de estudos sobre a realidade. Visivelmente estreita-se teoria-prática, *saber-fazer* modificado e modificando as estruturas curriculares disciplinar em interdisciplinar, uma vez que o eixo estruturante fundamenta-se na relação trabalho, educação, desenvolvimento local, cultura e agricultura como prática social-econômica dos povos que a praticam.

Sobretudo, outro parâmetro curricular é o debate sobre políticas públicas e reforma agrária. Então os movimentos sociais pretendem via práticas sociais coletivas, com apoio de políticas públicas democráticas, se apropriarem do conhecimento especializado pela via científica interdisciplinar e assim transformarem a produção agrícola, o trabalho e a forma de sociabilidade em processos ecológicos de vida e de renda. Por isso, a perspectiva sócio-ambiental que vem se constituindo traduz um tempo presente que não se vincula ao meramente econômico objetivado, mas nas objetivações que se estabelecem das relações intersubjetivas, contraditórias e ambíguas entre universidade, movimentos sociais.

Conclusões

No tempo/espaço universitário ao mesmo modo em que criticam o produtivismo que acelerou a severa crise ambiental e social originária dos avanços tecnológicos e científicos, também se abre para um institucional com perspectivas de uma ciência e formação profissional sustentável e solidária que tem a agroecologia como paradigma científico multidimensionado na razão política, cultural e socioambiental, sobretudo, porque numa reconfiguração agroecológica que está significada nas experiências dialogadas.

A metodologia de discussão que nos permitiu refletir sobre os conceitos apresentados neste ensaio, somente foi possível porque passamos pela pedagogia da alternância nos projetos, na pesquisa e na extensão mediadas pela visão participativa, de construção do conhecimento. A agroecologia passa a ser uma construção social da realidade da agricultura familiar.

Ao longo de dois anos com os programas e os subprojetos por alternância, as experiências confirmam que qualquer que seja a proposta de formação com agricultores familiares e jovens rurais/urbanos e quilombolas em bases agroecológicas, esta será infinitamente mais

articulada às necessidades de desenvolvimento local, se os trabalhos se derem em processos participantes, diagnósticos e levando em consideração as diferenças entre tempos e espaços de formação e de trabalho dos povos do campo.

Agradecimentos

Agradecemos ao povo brasileiro e as suas organizações, à UFRRJ e ao CNPq.

Referências

ALTIERI, M; NICHOLLS, C. **Agroecologia**: teoría y práctica para uma agricultura sustentable. México: ONU/Red de Formación Ambiental para América Latina y el Caribe, 2000.

MOREIRA, J. R. Cultura, política e o mundo rural na contemporaneidade. **Revista Estudos Sociedade e Agricultura**, n. 20, Rio de Janeiro: CPDA/Mauad, 2003.

SOUZA, D. L. **Movimentos Sociais, ONGs & Educação**: um estudo de caso. Aparecida/SP: Ed. Ideias e Letras, 2009b.

SOUZA, M. A. O Movimento da Educação do Campo, as Tensões na luta por um direito social e os sinais da construção de Políticas Públicas. **Revista ECCOS**. v. 2, n. 1/2. São Paulo: Uninove, 2009.

ZAMBERLAN, S. **Pedagogia da Alternância**: experiência da Escola Família-Agrícola. Anchieta, ES: MEPES, 1995.